

ITA HUMANIDADES

DA DÚVIDA

Vilém Flusser

A dúvida é polivalente. Significa o fim de uma certeza. Significa a procura de certeza. Significa ainda, se levada ao extremo, "ceticismo", isto é certeza invertida. Em doses moderadas estimula o pensamento. Em doses excessivas paraliza o intelecto. Como experiência intelectual é um dos prazeres puros. Como experiência moral é tortura. O ponto de partida da dúvida é a fé. A fé como aceitação ingênua dos dados, ("Wahrnehmen"), é o estado intelectual primordial e primitivo. A dúvida destrói essa ingenuidade de forma irrevogável. As certezas que o método da dúvida fornece nunca serão tão autênticas quanto o é a certeza primitiva. Conservarão sempre a marca da dúvida que lhes era parteira. A dúvida é um método que procura criar certezas inautênticas pela destruição de certezas genuínas. A dúvida como método é absurda. Surge a pergunta: "Por que duvido?" É mais fundamental que a outra: "De que duvido?" Subentende a pergunta: "Duvido mesmo?" Trata-se de duvidar da dúvida portanto. Trata-se de um último passo.

Descartes, (e com êle quase todo pensamento moderno), aceita a dúvida como indubitável. Essa fé ingênua na dúvida caracteriza, com efeito, a Idade Moderna cujos últimos instantes presenciamos. A fé na dúvida cabe, durante a Idade Moderna, o papel desempenhado pela fé em Deus em épocas anteriores. Essa fé resultou em mentalidade e civilização "idealista". Em meio de um mundo duvidoso a dúvida indubitável. A dúvida como núcleo e como último refúgio da realidade. O intelecto como única realidade portanto. A dúvida da dúvida seria um assalto a êsse último reduto da realidade. Seria o fim da Idade Moderna.

A dúvida da dúvida é um movimento do intelecto difícil. Oscila entre dois polos: "Tudo pode ser posto em dúvida, inclusive a dúvida mesma" e "Nada pode ser duvidado autênticamente". Oscila entre um ceticismo radical e um positivismo extremo. Kant afirma que o ceticismo é um des-

canço para a razão, embora não seja lugar de moradia. O mesmo pode ser afirmado quanto ao positivismo. A dúvida da dúvida impede o descanso. É ela uma indecisão fundamental que a análise de Sísifo feita por Camus ilustra. A dúvida da dúvida, se mantida, lança a mente na situação sisífica da pura absurdidade.

Duvido = penso. Penso: sou cadeia de pensamentos. Um pensamento segue outro. Por que? Porque um pensamento não basta a si mesmo. Exige outro para certificar-se. Duvida de si mesmo. Sou cadeia de pensamentos que duvidam de si mesmos. Duvido, portanto sou. Duvido que sou, portanto confirmo que sou. Duvido que duvido, portanto torno duvidoso que sou. Por que sou? Porque duvido. Por que duvido? Porque sou. Portanto duvido que sou. Portanto duvido que duvido. É um beco sem saída. É, com efeito, o beco reservado a Sísifo pelos Antigos. É uma forma de loucura. É o suicídio do intelecto.

Somos a primeira ou segunda geração que experimenta esse tipo de nihilismo vivencialmente. É a perda total da fé, a loucura do nada todo envolvente. Os sintomas abundam. É a lógica formal que reduz os pensamentos à tautologia. É a "clara noite da angústia do nada" do existencialismo. É a manipulação consciente de conceitos divorciados da realidade pela ciência pura. É a produção de instrumentos destruidores da humanidade, portanto auto-destruidores, pela ciência aplicada. É a arte que se significa a si mesma. É o "carpe diem" individual e coletivo, fruto do esvaziamento dos valores. O clima da absurdidade é resultado dessa dúvida extrema. Nada tem significado. Poderá ser superado esse clima? Poderá sobreviver a nossa civilização à Idade Moderna?

I. **Do intelecto.** Certos exercícios da Ioga ultrapassam, em radicalidade, as meditações cartesianas. Revelam vivencialmente, não que penso, mas que tenho pensamentos. Posso, nesses exercícios, eliminar os pensamentos, mas continuarei sendo. Com efeito, o método cartesiano prova a existência de pensamentos, não do eu que pensa. Há uma

fé humanista no "eu" que se infiltra, subrepticiamente, no argumento cartesiano, sem jamais ser duvidada. Os exercícios da Ioga interessam, neste contexto, apenas enquanto proporcionam um ponto de vista sobre os pensamentos. É o ponto de vista de dentro para fora. Os pensamentos se apresentam como tecido interposto entre o "eu" e o mundo dos fenômenos externos. Esse tecido tapa, apresenta e representa, ("vorstellt" na palavra de Schopenhauer) o mundo externo. Chamemos esse tecido de "intelecto". Podemos definir o intelecto como o campo no qual ocorrem pensamentos. Esse campo está ligado, de certa forma, com o "eu" que tem pensamentos, e com o mundo a quem os pensamentos representam. Pelo menos essa é nossa fé ingênua, sem a qual o intelecto não teria significado. Essas ligações são justamente o significado do intelecto. Mas essas ligações não podem ser pensamentos, dada a nossa definição do intelecto. Do contrário, "eu" e "mundo externo" seriam parte do intelecto. As ligações que unem o intelecto ao "eu" e ao "mundo externo" não são, portanto, pensamentos. "Eu" e "mundo externo" são impensáveis. Sendo impensáveis são, paradoxalmente, indubitáveis. Serão, em consequência, eliminados do presente argumento.

O intelecto definido como campo no qual ocorrem pensamentos é uma visão que resultou de um ponto de vista. É um ponto de vista externo ao intelecto. O intelecto é, deste ponto de vista, objeto. Pode ser investigado "objetivamente". Tornou-se despsicologizado. Os pensamentos que compõem o intelecto não são vivências, mas objetos de conhecimento. Uma dificuldade ontológica se esconde neste ponto de vista. Pensamentos se tornam objetos de pensamentos. Essa dificuldade é consequência da dúvida da dúvida que fundamenta o ponto de vista. Passemos, relutantes, por cima dessa dificuldade.

O intelecto como campo no qual ocorrem pensamentos torna a pergunta "o que é intelecto?" pergunta sem significado. Um campo não é um algo. É um como algo se dá. O campo gravitacional da Terra é como se comportam corpos

na vizinhança da Terra. O intelecto é como pensamentos ocorrem. Para ocorrerem, os pensamentos devem ocorrer de uma forma ou outra. O intelecto é essa "forma ou outra". Tendo negado dignidade ontológica ao intelecto, dedicaremos a nossa atenção aos pensamentos.

Os pensamentos como objetos são formações complexas. Consistem de elementos chamados "conceitos" ligados entre si por elos chamados "regras". Pelo menos é assim que pensamentos ocorrem em campos chamados "intelectos do nosso tipo". Outros tipos de intelectos podem ser imaginados. Por exemplo: intelectos do tipo chinês ou kwakiutl. Nesses intelectos os pensamentos talvez não consistem de conceitos. Restringiremos o argumento ao nosso tipo de intelecto. Os pensamentos como conceitos ligados por regras são processos. Discorrem. Dirigem-se para uma meta. A meta é chamada "significado". Um pensamento significativo é um pensamento que alcançou sua meta. Pensamentos incompletos são insignificativos. Alcançado o significado, surge pensamento novo. Pensamentos significativos são produtores de pensamentos novos. O significado do pensamento é outro pensamento. Pensamentos sem significado não produzem pensamentos novos. O critério do significado é a capacidade para a produção de pensamentos. Um pensamento significativo pode produzir mais que um pensamento novo. Quanto mais significativo o pensamento, tanto maior o número de pensamentos novos por ele produzidos. Formam-se, assim, cadeias de pensamentos, chamadas "argumento". Estes discorrem, por sua vez, em busca de significado, do qual o significado do pensamento individual é apenas um aspecto subalterno. A soma dos argumentos forma a totalidade do discurso. Este flui, por sua vez, em direção de um significado. Pelo próprio caráter do processo, esse significado é inalcançável. Está ele naquele "eu" e "mundo externo" que eliminamos do nosso argumento. Pelo seu próprio caráter, portanto, é o discurso um processo frustrado. Carece de ulterior significado. Isto não invalida, no entanto, os significados parciais dos pensamentos e dos argumentos.

O seu significado está no discurso, e não no além dele. Somente aqueles que não se conformam com essa limitação imposta pelo campo que é o intelecto decaem no anti-intelectualismo. No silêncio wittgensteiniano.

A procura de significado é sinônimo de "dúvida", e a dúvida é portanto o declive do discurso. É a força que propõe o discurso. O significado parcial é a superação parcial da dúvida, e o significado total inalcançável é a garantia de ser a dúvida inesgotável. É a garantia da continuidade do discurso. Ao discorrer, propelido pela dúvida, o discurso se ramifica e amplia. O campo do intelecto se amplia. O número dos significados parciais alcançados cresce. Podemos portanto resumir o resultado até aqui alcançado: O intelecto é o campo crescente da dúvida em discurso.

II. Da frase. O que é conceito? Temos a tentação de responder que conceito é aquilo que dá origem à palavra. Palavra seria símbolo de conceito. Mas seria significativa esta resposta? Não representa simplesmente a introdução de um termo novo, em tudo idêntico com o antigo, de um sinônimo com efeito? Podemos argumentar que há conceitos sem palavras, e palavras sem conceitos. Que os dois termos não são idênticos portanto. Mas o argumento não pode ser mantido. Conceitos sem palavras é uma contradição de termos, porque um conceito sem palavra, um conceito inarticulado, não poderia participar do pensamento discursivo. Não seria portanto conceito. E palavra sem conceito é, igualmente, contradição de termos, porque toda palavra, por ser palavra, participa do discurso. O termo "palavra sem conceito" exprime apenas a desconfiança na função de uma determinada palavra no conjunto do pensamento, e não, como aparentemente faz, a confiança em duas camadas ontológicas: palavra e conceito. Os termos "palavra" e "conceito" são sinônimos para todos os efeitos formais, embora possivelmente não o sejam para a psicologia. O ponto de vista deste argumento é despseudologizante, isto é "objetivo". Usará os dois termos como sinônimos portanto. E eliminará, pela regra da navalha de Occam, o termo "conceito". Rede-

finirá o pensamento como complexo de palavras organizadas por regras. E redefinirá o intelecto como campo no qual ocorrem palavras organizadas por regras.

Com esta reformulação deslocamos o argumento de terreno. Localizamos a consideração do pensamento no terreno da língua. No terreno adequado. A preocupação com o pensamento é uma disciplina da língua. O pensamento passa a ser um fenômeno linguístico chamado "frase". As regras que ordenam as palavras na frase passam a ser "gramática" sensu lato. Intelecto como campo no qual ocorrem pensamentos passa a ser língua como campo no qual ocorrem frases.

Uma palavra de cautela: As ciências que investigam a língua estão empenhadas na análise das línguas faladas e escritas. A língua na concepção do presente argumento é o "falar baixo". Línguas faladas e escritas são articulações secundárias da língua "pura". As ciências da língua não distinguem rigorosamente entre língua "pura" e "aplicada". Por exemplo: tratam ora de problemas de gramática, (aspecto de língua "pura"), ora de problemas fonéticos, (aspecto de língua "aplicada"). A distinção rigorosa urge. Investigações da língua "aplicada" pertencem ao campo das ciências da natureza ou da sociedade. Investigações da língua "pura" constituem o fundamento da ciência do espírito, (Geisteswissenschaft) no sentido Diltheyano, embora de uma ciência do espírito despsicologizada. O presente argumento se enquadra no segundo contexto.

A frase consiste, grosso modo, de cinco partes: (1) sujeito, (2) objeto, (3) predicado, (4) atributo, e (5) advérbio. Atributo e advérbio são complementos. Serão desconsiderados no presente argumento. Sujeito é o grupo de palavras no qual o processo da frase se inicia. Objeto é o grupo de palavras para o qual o processo da frase se dirige. Predicado é o grupo de palavras que une sujeito e objeto. Esta descrição é de uma frase padrão, sobre o qual tôdas as frases podem ser, em tese, reduzidas. Nessa frase padrão su-

jeito e objeto são os horizontes, entre os quais o predicado se projeta. A frase é um processo do tipo chamado "projeto". Tem a forma, ("Gestalt") do tiro ao alvo. Sujeito é o fusil, objeto é o alvo, predicado é a bala.

Esta forma da frase é a estrutura do nosso tipo de línguas, portanto do nosso tipo de intelecto. Tudo que nos ocorre, ocorre nesta forma. A filosofia tradicional comete o erro de projetar essa forma sobre o "mundo externo". Crê que a estrutura da língua, (do intelecto) espelha a estrutura de uma realidade externa. Mas existem línguas de estrutura inteiramente diversa. Se podemos dizer algo com referência ao "mundo externo", é isto: dada a diversidade de tipos de língua, a estrutura da língua não espelha a estrutura do "mundo externo". A soít-disant estrutura do mundo externo é chamada por Wittgenstein de "Sachverhalt", isto é relação entre coisas. Mas o próprio termo revela que o "Sachverhalt" não passa da estrutura das nossas frases. "Estrutura da frase" e "relação entre coisas" são sinônimos, e o resto é tentativa metafísica e desesperada de romper as limitações do intelecto. De romper as grades da língua. O que não pode ser falado, deve ser calado. A análise gramatical da frase é, de maneira categórica, a análise ontológica da realidade.

Sujeito, objeto e predicado são as formas de ser que perfazem a nossa realidade. Mais exatamente: são as virtualidades que se realizam na frase. O sujeito se realiza ao emitir predicado. O objeto se realiza ao ser atingido pelo predicado. O predicado, ao relacionar sujeito com objeto, estabelece um "Sachverhalt", isto é uma situação de realidade. O sujeito, considerado isoladamente, é a procura e a demanda da realidade. Subjaz, ("sub jectum") ao projeto da realidade. O objeto, considerado isoladamente, é a oposição a êsse projeto, ("ob-jectum"). Mas sujeito e objeto considerados isoladamente, não são seres realizados. Adquirem realidade efetiva, ("Wirklichkeit") na situação da frase. O predicado, que estabelece a situação, confere realidade ao sujeito e objeto. Sujeito e objeto transcendem a situação, na medida em

que não são predicados nela. São realizados apenas parcialmente pelo predicado. Toda frase é realização parcial de um (ou mais) sujeito e um (ou mais) objeto. A cadeia de frases, (o argumento) é o processo contínuo de predicação de sujeitos e objetos, com a finalidade de realizá-los. O discurso como um todo é um processo de predicação de todos os sujeitos e objetos. O discurso é predicativo.

"Realidade" ("Wirklichkeit") é o aspecto ontológico de "significado". A língua, (o intelecto), é o campo no qual ocorre a busca predicativa da realidade. A língua em seu discurso produz realidades parciais, mas a realidade total, sua meta, é inalcançável. "Busca da realidade" e "dúvida" são os dois aspectos do declive do discurso. A realidade total é inatingível, e a dúvida é inexaurível, por duas razões formais diferentes. (1) Nenhum sujeito é inteiramente predicável em direção de não importa que número de objetos. (2) Há uma infinidade de sujeitos, e a língua cria sempre novos sujeitos. A limitação mais frustrante do intelecto reside na inexauribilidade do sujeito. O sujeito em sua plenitude de virtualidades desafia o método da dúvida que é o discurso. O sujeito é um grupo de palavras de um certo tipo. Investiguemos esse tipo de palavras.

III. **Do nome.** Análise da frase é análise da realidade. Gramática é ontologia. A gramática tradicional é ontologia aristotélica, e a sua classificação das palavras em "substantivos", "adjetivos", "verbos" etc. corresponde aproximadamente às categorias aristotélicas da realidade. Propenho que seja abandonada. Distinguirei dois tipos de palavras: palavras integradas no discurso, e palavras não integradas. A distinção é existencial, e não formal, e o seu critério é a vivência do discurso. Palavras integradas são articuladas sem esforço, palavras não integradas com esforço. Palavras do tipo "Isto aqui" e "Olhe lá" são palavras que exigem esforço de articulação, (gestos, inflexão da voz), que demonstra vivencialmente não serem integradas no discurso. Chamarei esse tipo de palavras de "nomes próprios", e todas as demais palavras de "derivadas". Há, pois, dois tipos de

frases: as que contêm nomes próprios designarei pelo termo "chamar", e as que contêm apenas palavras derivadas pelo termo "conversar". Chamar é predicar nome próprio, conversar é predicar palavra derivada. Nome próprio predicado é palavra derivada. Palavra derivada é palavra conversável. O nome próprio é chamado para ser convertido em palavra conversável. A conversação consiste de palavras derivadas que podem ser, por sua vez, classificadas, por exemplo em "nome de classe", "relação" etc. Desconsiderarei essa classificação no presente argumento.

Nomes próprios são as raízes do discurso. Chamar é a dúvida em seu primeiro movimento. A consideração dos nomes próprios é a dúvida da dúvida portanto. É a reflexão extrema. A volta às raízes. O nome próprio é o sujeito ainda não predicado. É a plenitude inexaurível das virtualidades. A consideração dos nomes próprios é a contemplação da plenitude das virtualidades. A meta do discurso é a realização das virtualidades dormentes no nome próprio pela predicação progressiva. A meta da reflexão é a contemplação da plenitude das virtualidades dormentes no nome próprio pela predicação regressiva. Reflexão é discurso invertido. Reflexão é filosofia. Filosofia é discurso invertido. Filosofia é a língua, (o intelecto) que reflui sobre si mesmo. Filosofia é a busca das raízes. Filosofia é a dúvida da dúvida. Os nomes próprios são a barreira da filosofia. A consideração do chamar é a última consideração da filosofia.

Chamar é estender o território do intelecto. No chamar um nome próprio novo aparece. Uma nova palavra é acrescentada à língua. Uma palavra nova é "produzida". Chamar é o movimento produtivo do intelecto. "Produzir" em grego é "poiein". Chamar é o movimento poético do intelecto. O intelecto, (a língua), se expande pela poesia. A poesia é o movimento do intelecto que produz nomes próprios novos. A poesia é a situação de limite da língua. A poesia é dúvida em seu primeiro movimento. Conversar é predicar as palavras derivadas da poesia. O "assunto" da conversação são os nomes próprios chamados pela poesia. A poesia

chama nomes próprios e os "verte" para a conversação para que sejam "convertidos" em palavras derivadas. As frases da poesia são "versos". As frases da conversação são "conversos". O discurso consiste de "versos" e "conversos". A filosofia retraça os passos do discurso. É, em última análise, crítica de "versos".

O verso é uma frase que tem nome próprio por sujeito. Um nome próprio nôvo. A característica do verso é sua "originalidade". O verso predica uma origem. A palavra "origem" vem de "os" (boca). O verso é a boca da língua, pela qual sorve e inspira nomes próprios novos. A inspiração poética sorve nomes próprios novos para predicá-los em versos. A inspiração poética articula o inarticulado para predicá-lo em versos. O sujeito da poesia é o inarticulado. O nome próprio é o nome do inarticulado. A poesia produz língua, porque articula o inarticulado. A poesia encara o inarticulado. A poesia é o lugar de choque do intelecto com o inarticulado. A poesia é o limite do intelecto. O intelecto não pode ir além da poesia. A poesia é o contacto do intelecto com o "mundo externo". O "mundo externo" é sobrevivível apenas poeticamente. Pode ser apenas chamado, nunca conversado. É inarticulado. Nomes próprios são pedaços arrancados ao inarticulado pela poesia para serem conversados. O inarticulado é inexaurível. A poesia lhe arranca constantemente novos pedaços sem exaurí-lo. A continuidade da poesia é prova disto. E todo nôvo nome próprio é inexaurível pela conversação, por mais que seja predicado. Repitamos portanto que a limitação do intelecto é dupla: a poesia não pode exaurir o inarticulado, e a conversação não pode exaurir os nomes próprios produzidos pela poesia.

IV. **Da proximidade.** A poesia encara o inarticulado. Encara a origem. Está oposta à origem. A poesia é o posto avançado do intelecto. Pela poesia está o intelecto, como um todo, oposto à origem. O intelecto como um todo é o oposto da origem. A origem, (o inarticulado), é inteiramente diferente do intelecto. O intelecto, por estar oposto à sua origem, está inteiramente alienado de sua ori-

gem. O intelecto é a própria alienação da origem de si mesma. O intelecto é o campo da dúvida progressiva. A dúvida progressiva é a alienação progressiva da origem de si mesma. A dúvida é a expulsão, (Ausdruck = articulação), da origem de si mesma. Com todo nome próprio nôvo a origem se expelle de si mesma. Todo verso nôvo é uma nova "expulsão do paraíso". "O paraíso" é, neste contexto, sinônimo de "ingenuidade". Todo verso nôvo é perda de ingenuidade. Neste sentido é todo verso nôvo "original", porque é pecado original. O intelecto é um processo de alienação progressiva que se origina, sempre de nôvo, no pecado original do verso. Todo verso é uma alienação nova da origem de si mesma. Em todo verso a origem se encara a si mesma de nôvo. Neste sentido é todo verso um espelho nôvo da "realidade". Não como "adequação do intelecto à realidade", (definição tradicional da verdade), mas como oposição do intelecto à sua origem. Neste sentido é a poesia a fonte da "verdade".

O intelecto é o campo no qual ocorrem frases. Algumas dessas frases são versos. Versos são expulsões, pela dúvida, do inarticulado de si mesma. Nessa expulsão vibram os versos em "simpatia" com a origem que as tem expulsado. Essa vibração, ("Stimmung"), é o acorde que liga verso com o inarticulado. O verso está em acorde, ("stimmt ueberein") com o inarticulado. Este clima ("Stimmung") do verso é a única forma, embora intelectualmente insatisfatória, pela qual podemos conceber a verdade. É intelectualmente insatisfatória, porque se processa nas regiões limítrofes do intelecto. A verdade é reduzida a um problema existencial de autenticidade. Um verso é verdadeiro, quando autêntico, isto é, quando original e em vibração com a origem. Do contrário, é inautêntico, portanto falso. O verso autêntico é a fonte da verdade. A conversação elabora versos autênticos de acordo com a vibração nêles contida. Essa vibração é convertida pela conversação em regras da língua. As frases da conversação são certas, quando obedecem a essas regras, e erradas, quando não obedecem. Neste sentido podemos di-

zer que o intelecto é o campo no qual ocorrem frases verdadeiras e falsas, certas e erradas.

A verdade é a vibração do verso com o inarticulado. A verdade é uma função da proximidade do verso com o inarticulado. Essa proximidade envolve o verso em clima ("Stimmung") característico da poesia. É o clima do espanto. A poesia é intelecto espantado ante o inarticulado. O inarticulado é espantoso, porque inteiramente diferente do intelecto. A proximidade do inarticulado espanta. A dúvida, que é a oposição do inarticulado contra si mesmo, é um espanto do inarticulado ante si mesmo. A dúvida é um grito de espanto. Esse grito de espanto resulta no nome próprio a ser predicado em verso. A dúvida é espanto articulado. Intelecto é articulação progressiva do espanto. A medida que progride a conversação o espanto se dilui, mas está denso no verso. A conversação é o método de diluir espanto. É um assobiar na floresta. Mas o espanto original se renova sempre na poesia. A verdade é uma função do espanto. O nome próprio, articulação do espanto que é, é a fonte da verdade, porque brota da proximidade com o inarticulado. O espanto é uma vivência imediata. Neste sentido é válida a interpretação empirista da verdade.

Quando o inarticulado se encara pela dúvida, surge o grito de espanto que resulta em língua. A estrutura da língua é a elaboração, pela conversação, da vibração do espanto. As palavras da língua são elaborações, pela conversação, dos nomes próprios que o espanto articula. Todo verso contém, in nuce, toda uma língua. Neste sentido é o verso uma semente da realidade. É essa semente, porque brota da proximidade com o inarticulado. O verso como semente da realidade é virtualmente um cosmos. Línguas são cosmoi que brotaram de versos. As línguas do Ocidente são cosmoi que brotaram de uns poucos versos contidos nos livros "sagrados" judeus e em filósofos gregos. Esses versos originais são "sacros", no sentido de cheios de espanto. A conversação dilui o espanto, isto é "profaniza" os versos. A conversação ocidental, progredindo pelo declive da dúvida

metódica, alcançou um estágio de profanação avançada. Afastou o intelecto ocidental da proximidade com o inarticulado. A conversação avançada e profanizada ameaça mergulhar em conversa fiada. Na conversa fiada cessa a elaboração das palavras derivadas. É uma repetição tediosa de palavras e formas congeladas em chavões estereotipados. Nesse estágio avançado a própria inspiração poética cessa de funcionar como renovadora de espanto. O intelecto em conversa fiada não pode ser espantado. Os nomes próprios vertidos pela poesia são transformados, nesse estágio, imediatamente em formas rigorosas. É esse o estágio que parece ser a meta imediata do Ocidente. Os sintomas foram enumerados na introdução a este argumento. Urge, enquanto é tempo, uma volta para as raízes. Urge uma volta para a proximidade com o inarticulado. Em outras palavras: urge uma filosofia radical que será uma crítica das fontes da língua. Uma dúvida da dúvida portanto.

V. Conclusão. Somos, enquanto seres pensantes, produtos da língua e não podemos superá-la pensando. Somos, enquanto ocidentais, produtos de um grupo de línguas em estágio de conversação avançada. Não podemos, pensando, ultrapassar essa nossa condição dentro da qual estamos jogados. As línguas ocidentais, em seu estágio atual, são, de forma categórica, a nossa realidade. Toda tentativa de quebrar as limitações dessa nossa condição são metafísica surda e muda. A realidade, tal como as línguas ocidentais em seu estágio atual a estabelecem em nosso redor, tem todas as características de uma conversação avançada. Quase nada nos espanta. O tédio da conversa fiada é o clima prevalente. É uma realidade "absurda", no sentido de afastada das suas raízes. Uma realidade profana.

Não podemos superar essa realidade altamente insatisfatória pensando. Mas podemos refletir contra ela. Podemos retrair-lhe os passos e avançar, contra a sua correnteza, até as suas fontes. Em outras palavras: podemos duvidar da dúvida da qual ela é realização avançada. Nesse nosso duvidar reflexivo reencontraremos os versos espanto-

sos que lhe servem de base. Esses versos são inesgotáveis, porque contêm nomes próprios inexauríveis. O nosso choque com esses versos poderá resultar em conversação nova. Digo mais: poderá resultar em língua nova, embora brotando das mesmas raízes.

Essa língua nova da qual estou falando não é uma ficção ad hoc inventada. Está surgindo em nosso redor e começa a desenvolver-se. É a arte nova. Neia e por ela estão sendo criadas novas categorias do pensamento, portanto uma nova estrutura da realidade. A própria estrutura fundamental "sujeito-objeto-predicado" está sendo reformulada. Um novo tipo de discurso está sendo elaborado. Nessas tentativas poderá ser superada a Idade Moderna, e poderá ser salva a conversação ocidental do abismo da conversa fiada.

A crise atual do Ocidente não é a primeira. A passagem da Idade Média para o Renascimento, por exemplo, marca outra. Possivelmente estamos no limiar de um novo Renascimento. A filosofia da língua poderá muito bem ser a arma teórica desse Renascimento.

On doubt.

Descartes accepts doubt as the indubitable. Doubt can, however, be doubted, although this will create an absurd state of mind. This doubt will mean a superation of Modern mentality. Intellect is the field of doubt. It is the field of thought. Thought is verbal structure. Sentences follow each other propelled by doubt. Sentences are verbal structure. Sentences follow each other propelled by doubt. Sentences are forms of the following structure: subject-object-predicate. Thought is predication. The ultimate subjects of predication are proper names. They are inexhaustible. Philosophy is reflective thought. In ultimate analysis it is the doubting of proper names. Philosophy as reflection is therefore the return to the very roots of language. Philosophy of language may therefore be a weapon for the superation of our present crisis.